



Inserção curricular da agroecologia: o caso do município de Santa Cruz Cabrália, Bahia

*Curricular insertion of agroecology: the case of the municipality of Santa Cruz
Cabrália, Bahia*

BOTTER, Letícia T.¹; DUVAL, Henrique C.²; COSTA-PINTO, Alessandra B.³

¹ Universidade Federal de São Carlos, leticia.botter@hotmail.com; ² Universidade Federal de São Carlos, henriquecarmona@hotmail.com; ³ Universidade Federal do Sul da Bahia, alegubcp@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Através de uma metodologia do estudo de caso e da observação participante, a pesquisa pretende entender como está se dando o processo de inserção curricular da Agroecologia (ICA) nas escolas do campo do município de Santa Cruz Cabrália/BA. A análise permeia entender os principais desafios e se os princípios sociais e éticos desse processo estão em consonância tanto com a própria Agroecologia enquanto filosofia socialmente justa e culturalmente sensível, quanto com a transição para Sociedades Sustentáveis. A pesquisa também pretende investigar como e se a Agroecologia pode se tornar uma ferramenta de consolidação identitária para as diferentes territorialidades. Entendemos que a formação de educadores em Agroecologia feita através do conhecimento popular e da *práxis* é fundamental para a consolidação da ICA e que o maior desafio é envolver as populações a processos educativos condizentes com as próprias realidades e com propósitos críticos, solidários e transformadores.

Palavras-chave: educação ambiental, educação popular, educação do campo, currículo, solidariedade.

Introdução

O município de Santa Cruz Cabrália está localizado no Extremo Sul da Bahia, na chamada “Costa do Descobrimento”, onde seria o local em que os portugueses tiveram o primeiro contato com Pindorama. Com 29 mil habitantes, Cabrália está cercada por Porto Seguro ao sul, Belmonte ao norte, Eunápolis ao oeste e o Oceano Atlântico Sul a leste. Sua zona rural é abrangente e compõe um cenário multifacetado, com singularidades específicas de cada comunidade e territorialidade.

Em 2020, em plena pandemia, a Secretaria Municipal de Educação (Semed), a partir da mobilização da União Nacional dos Dirigentes de Educação do Estado da Bahia (Undime/BA), uniu as escolas do município, de forma virtual, para a reformulação do currículo municipal. Essa reformulação foi feita a partir de *lives* e atividades em Grupos de Estudos (GEAs) com todas e todos que quiseram participar do processo: diretoras/es, coordenadoras/es, corpo docente e tutoras/es das/os estudantes. Assim, sendo referido como “emancipatório” pelo texto do Diário Oficial municipal de julho de 2022, o novo currículo foi promulgado e “agora está



com a cara do município”, disse uma das entrevistadas (acervo pessoal). É importante mencionar que a participação da comunidade rural na reformulação do currículo foi expressiva e foi promotora de “empoderamento do campo, pois nós entendemos, principalmente a partir disso tudo [da construção do currículo] de que nós podemos, nós temos nosso valor, assim como têm as pessoas da cidade” (entrevistada, acervo pessoal).

Dentre as novidades do novo referencial curricular de Cabralia está a proposta da disciplina de Agroecologia, a ser oferecida em todas as escolas do campo como disciplina diversificada para os anos finais do ensino fundamental. Nascida da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) da região, a inserção curricular da Agroecologia (ICA) não está se dando sem desafios. Assim, a presente pesquisa buscou entender quais são os impasses para que a Agroecologia consiga ter efetividade na sua expansão territorial dentro do município a partir da sua inserção curricular.

Apoiada nos pensamentos de Paulo Freire, Roseli Caldart, Carlos Rodrigues Brandão e outras/os, a pesquisa busca entender se o processo da ICA está se dando de acordo com as demandas dos movimentos sociais e com a demanda de cada realidade a qual está sendo inserida, bem como se esse processo é constituinte de uma educação emancipatória, calcada nos princípios da educação ambiental crítica, da educação popular, nos princípios éticos e sociais da Agroecologia e na transição para Sociedades Sustentáveis.

Nesse sentido, entendemos que essas quatro instâncias são parâmetros de discussão e análise que estão partindo de diferentes ancestralidades, mas que caminham unidas para a transformação dos mundos em que seja possível realidades incomuns, porém mais justas, solidárias, culturais e sustentáveis.

Metodologia

Assentamentos do MST; assentamentos não ligados a movimentos sociais; realidades quase urbanas, onde o tráfico de drogas comanda o distrito; agrovilas influenciadas pela empresa de papel e celulose Veracel, que impõe a relação de comodato com as/os agricultoras/es; indígenas Pataxó; e ribeirinhas/os: essa é a realidade do diverso cenário do campo do município de Santa Cruz Cabralia.

Para analisar toda essa diversidade no sentido de como está ocorrendo a ICA no município, seus desafios e potencialidades, oito das doze escolas do campo do município foram visitadas, sendo feito dois encontros em cada escola durante o período de dois meses (maio e junho de 2023). Entendendo que estamos privilegiando “a análise de microprocessos, realizando um exame intensivo de dados e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (MARTINS, 2004:289), escolhemos a metodologia da pesquisa qualitativa, a partir de um estudo de caso (YIN, 1994), já que a ICA é um caso particular, que tem valor em si mesmo (LUDKE e ANDRÉ, 1986:17).



A observação participante se deu em todos os momentos da pesquisa, observando a organização popular, o funcionamento da Semed e das escolas, mas, principalmente, na segunda visita às escolas, em que acompanhamos uma aula de Agroecologia. Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, com caráter de “prosa” em atores da Semed, diretoras/es, coordenadoras/es e professoras/es das escolas estudadas, o que foi fundamental para entender a fundo as opiniões, as realidades, as cosmovisões e as contradições de cada colaborador/a e de cada territorialidade. Por fim, mas não menos importante, o caderno de campo se configurou como a principal fonte de dados pós-trabalho de campo. Foi lá que a autora escreveu todas as suas impressões e vivências durante a estadia em Santa Cruz Cabralia, auxiliando em um processo de olhar atento da pesquisadora sobre a realidade a qual estava inserida e possibilitando a análise das informações com profundidade (COSTA, 2002:51).

Resultados e Discussão

O Antropoceno, ou a Intrusão de Gaia, como Stengers (2009) prefere chamar, está cada vez mais em voga e é inevitável que assumamos a sua existência, como afirma Krenak (2020). Não sem críticas a respeito do termo, pois para nós é fato que outras nomenclaturas talvez lhe fossem mais adequadas, como Plantationceno (TSING, 2019) ou Capitaloceno (MOORE, 2017). No entanto, é indispensável que encaremos o cenário catastrófico que vem se conformando ao longo do tempo com as grandes transformações das paisagens naturais causadas pelo animal humano, que parte de um pensamento guiado pela linearidade e pelas monoculturas da mente (SHIVA, 2003), que se materializam sobre os territórios destruindo cada vez mais as diversidades e as autonomias.

Felizmente, a história humana nunca se deu sem resistências. Em geral, tais resistências se constroem a partir da luta pela continuidade de práticas culturais que vão contra ao que é proposto pela cultura hegemônica e, também, por processos de mudanças culturais que estejam alinhadas com práticas do bem-viver e do amor, que tornam possível a insurreição do Chthuluceno (HARAWAY, 2016) e de culturas que retomem a essência matrística (MATURANA, 2004), em que os seres humanos contemplem a sua existência una com a Natureza, *human-in-nature* (MOORE, 2017:5). Entretanto, a revolução possivelmente se dará de forma lenta e gradual, a partir de inúmeros processos que provocam uma transformação molecular para, unidos, provocarem, enfim, uma revolução molar (GUATARRI, 1985). Analisamos que, dentre dificuldades, possibilidades e potencialidades, Cabralia está vivendo, neste momento, um processo de revolução molecular.

A luta do MST para a ICA no município vem se dando há muito tempo. A escola Paulo Freire, do Assentamento Luís Inácio Lula da Silva (Lulão), já leciona a Agroecologia desde o ensino infantil há onze anos. Em 2018, a escola sediou uma conferência de educação do campo, onde começa a germinar a ideia da ICA em todo município. É importante ressaltar que a aliança entre movimento social e poder



público é de extrema importância para a expansão territorial da Agroecologia (MIER y TERÁN *et al*, 2021) e que, a luta do MST somou-se à solidariedade da atual gestão da Semed para que fosse possível a consolidação da ICA. A construção de um referencial curricular que possibilitou a ICA é, por si só, um processo que admite a participação popular de forma mais democrática. De acordo com as bases da educação popular, é um construir em conjunto. Construir *com* ao invés de construir *para*.

A maior dificuldade, diferentemente de outros processos de ICA que acontecem no Brasil, vem sendo a adesão popular de outros segmentos que não são vinculados à movimentos sociais e que, em sua maioria, não compreendem a educação como um meio de formação de sujeitos políticos, ou seja, não compreendem a relação intrínseca entre educação e pensamento político/ideologia. “Ideologia? Não. Não acho que a educação é ideológica. Nem a educação em Agroecologia” (acervo pessoal), afirmou uma das entrevistadas. Além disso, a ICA se deu no município antes de haver um processo de sensibilização das outras realidades que não do MST em relação à Agroecologia e antes mesmo da formação de educadoras/es em Agroecologia. Também, a ICA foi aceita no processo participativo de construção de um novo referencial curricular para o município, mas foi efetivada de maneira impositiva no início do ano de 2023, de modo que os anos finais do ensino fundamental das escolas do campo não tinham outra opção de disciplina diversificada, que não a Agroecologia. Nesse sentido, as/os professoras/es se depararam com a realidade de ter que lecionar uma disciplina que não sabiam do que se tratava.

Essa realidade não é utópica, ou seja, não está se dando de forma ideal, mas sim, se dá de forma real, se adequando aos impasses e tentando, aos poucos, superá-los. Poderíamos caracterizar a ICA em Cabralia como um processo “ousado”, como disse uma das entrevistadas (acervo pessoal), mas que recorre à urgência de transformação da realidade opressora em que as escolas do campo se encontravam, possibilitando a emancipação social das distintas realidades. “A escola tem uma ampla capacidade de abrangência. Cada aluna e cada aluno aqui estão inseridos em uma família, então a escola pode estar atingindo todas as pessoas dessas famílias através dos alunos. Os alunos são as sementes germinando”, foi a fala de uma das entrevistadas (acervo pessoal).

Nesse sentido, inserir a Agroecologia nas escolas do campo, ainda que não seja da forma mais “graciosa” (ORR, 2002), possibilita a entrada de uma educação dialógica entre educandas/os e educador/a, que caminha em sentido oposto à educação bancária (FREIRE, 1960); a possibilidade de expansão territorial da agroecologia e de seus princípios sociais que prezam pela igualdade entre seres humanos entre si e entre seres humanos e outros-que-humanos (HARAWAY, 2016); e a construção de uma sociedade que valorize a diversidade biológica e cultural a partir, também, da escola. No entanto, é interessante refletir que, ainda que haja grandes potencialidades no processo de ICA que está acontecendo em Cabralia, há, também, de se tomar um cuidado constante na possibilidade de cooptação da



Agroecologia. Um território em disputa é, por exemplo, na escola inserida dentro da realidade de comodato produzida pela empresa Veracel. Lá, há muita resistência para a implementação da ICA no momento presente, mas, se não tomado o devido cuidado, o discurso agroecológico pode ser, aos poucos, convertido para um discurso capitalista e alienante produzido pela Veracel. Aliás, foi nessa escola em que uma das entrevistadas disse que “já ouvi sobre agroecologia sim. Foi a Veracel que me ensinou o que é isso” (acervo pessoal). Além disso, a falta de formação de educadores pode contribuir também para uma cooptação não premeditada, já que pode levar à uma aula de Agroecologia sem criticidade, seguindo cartilhas capitalistas de educação ambiental que tem por objetivo culpabilizar os civis, sem dar espaço ao olhar crítico sobre a realidade. “Pra mim é fácil dar aula de Agroecologia porque antes eu dava aula de educação ambiental. Acho que a disciplina só mudou de nome, né?”, disse uma das entrevistadas (acervo pessoal).

Vale ressaltar, ainda, que talvez o maior desafio para a maior graciosidade no processo de ICA no município se dá pela falta de coordenação da Semed, no sentido político de seu significado, ou seja, ainda é necessário que haja maior articulação de comunicação e de ações coerentes vindas da Semed. Ainda que seja notável a proximidade da Semed com os movimentos sociais da região, é necessário que haja maior interconexão entre poder público, movimentos sociais e universidades.

Conclusões

Talvez o melhor título para essa parte do artigo seria “conclusões não conclusivas” ou ainda “prolusão”, uma vez que o processo de ICA no município de Cabralia está começando a dar seus primeiros passos e que, num futuro próximo, muitos dos atuais desafios serão sanados, ou pelo menos, assim esperamos que ocorra. No entanto, a pesquisa teve por objetivo analisar como se deram esses primeiros passos e quais foram os conflitos apresentados no caminho, sendo os mais evidentes: a coordenação não tão eficiente por parte da Semed e a dificuldade de a população rural não militante identificar-se com a Agroecologia e tomar para si o que fazer de uma educação emancipatória que seja permeada pela criticidade a partir da realidade local.

Referências bibliográficas

COSTA, Sidiney A. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: WHITAKER, Dulce C. (org.) Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras a margem, 151-158, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e terra, 1960.

GUATARRI, Felix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Basiliense, 1985.



HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationceno, chthuluceno. **ClimaCom Cultura Científica**, ano 3, n. 5, 139-145, 2016.

KRENAK, Ailton. A vida é selvagem. **Cadernos Selvagem**. Dantes Editora, 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Heloisa Helena T. S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa**, p. 289-300, 2004.

MATURANA, Humberto. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, Humberto, VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 25-115, 2009.

MIER y TERÁN G. C., Mateo; GIRALDO, Omar F.; ALDORADO, Miriam; MORALES, Helda; FERGUSON, Bruce G.; ROSSET, Peter; KHADSE, Ashlesha; CAMPOS, Carmen. Masificación de la agroecología: impulsores clave y casos emblemáticos. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 58, p. 480-508, 2021.

MOORE, Jason W. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal of Peasant Studies**. 2017.

ORR, David. Four challenges of sustainability. **Conservation biology**. v. 16, n. 6, 1457-1460, 2002.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

TSING, Anna. Unblocking attachment sites for living in the plantationcene. Youtube, abril de 2019. Disponível em <Donna Haraway, Anna Tsing: "Unblocking Attachment Sites for Living in the Plantationocene" | 4/17/19 - YouTube>. Acesso em junho de 2023.

Yin, Robert K. Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.